

A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE PINDAMONHANGABA-SP

THE PROCESS OF LITERACY OF YOUNG AND GROWN MEN IN THE CITY OF PINDAMONHANGABA-SP

Ariane Pereira Trindade da Silva¹, Marina Buselli², Fernanda Gonçalves de Carvalho²

¹ Pedagoga, FUNVIC – Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba-SP

² Professora, FUNVIC – Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba-SP

*Correspondência: profama262@gmail.com

RECEBIMENTO: 23/03/18 - ACEITE: 25/06/18

Resumo

Este trabalho é um estudo exploratório, que aborda a alfabetização de jovens e adultos. Os objetivos deste estudo foram: a) analisar, por meio da revisão da literatura, se o processo de alfabetização de jovens e adultos deve ser diferente do utilizado com crianças; b) investigar como vem ocorrendo a alfabetização de jovens e adultos na rede municipal de Pindamonhangaba-SP. Foi feita pesquisa descritiva, utilizando-se os instrumentos: a) entrevista com responsável pela EJA da Secretaria da Educação do município de Pindamonhangaba; b) entrevista semiestruturada com os professores das classes de EJA em funcionamento nesse município, após aprovação da Secretaria de Educação e aprovação nº 2.065.453 desta pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, por meio da Plataforma Brasil. Os dados foram tratados de modo qualitativo. Conclui-se que a alfabetização de jovens e adultos no município de Pindamonhangaba está acontecendo de forma regular. Existem problemas em algumas escolas como a pouca quantidade de salas e professores, o que faz com que os alunos de todos os termos dividam a mesma sala. A alfabetização de jovens e adultos no município de Pindamonhangaba é feita de maneira geral de forma diferente da alfabetização das crianças, pois os professores se dedicam a tratar de assuntos comuns a esses alunos para que eles possam realmente aprender e compreender.

Palavras-chave: EJA. Alfabetização.

Abstract

This is an explanatory work, that addresses the literacy of young and grown men. The main objectives of this study are: a) analyse, throughout literature review, whether the literacy methods for young and grown men should or not be equal to those of young children; b) to investigate the way in which it has been occurring the process of literacy of young and grown men in the city of Pindamonhangaba-SP. There is a descriptive research, using the instruments: a) interview with the responsible part of EJA Secretary of Education from the city of Pindamonhangaba; b) half structured interview with teachers from EJA working in this city, after previous approval from the Secretary of Education and approval number 2.065.453 of this research by the Research and Ethics Committee throughout Brazil platform. The data was treated qualitatively. In conclusion, the literacy of young and grown men in the city of Pindamonhangaba is evolving in a regular way. There are a few problems in some of the schools, such as not enough classrooms or teachers, making students from different classes share the same room. The literacy of young and grown men in the city of Pindamonhangaba happens, in general, differently from that of young children. The reason for this is that the teachers dedicate themselves to treat subjects that are common to those students in order for them to really learn and understand.

Keywords: EJA. Literacy.

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a alfabetização de jovens e adultos, partindo de informações de como vinha ocorrendo esta modalidade de ensino, os métodos e instrumentos utilizados pelos professores para esses alunos, durante os anos de 2016 e 2017 no município de Pindamonhangaba-SP.

Tendo em vista que a escrita está presente em grande parte da sociedade atual, sendo um forte instrumento de comunicação e transformação social, é importante se compreender como acontece a alfabetização de jovens e adultos, visto que saber ler é fundamental na sociedade letrada em que vivemos. As pessoas que não sabem ler sofrem desvantagem na sociedade, pois a leitura é um fator essencial para que a pessoa possa agir e interagir com autonomia na sociedade letrada em que vive (SOLÉ, 1998 apud SEGRILLO; SILVA, 2011).

História da educação de jovens e adultos no Brasil

As primeiras iniciativas para acabar com o analfabetismo de jovens e adultos no Brasil surgiram no início da década de 1940, visando ao crescimento econômico do Brasil. Em 1950, é analisado que os analfabetos, que até então não votavam, eram eleitores potenciais e precisavam participar da vida política do país. Porém, apenas a partir da década de 1960, com o educador Paulo Freire surge uma proposta voltada a acabar com o analfabetismo de jovens e adultos e, mais que isso, conscientizar essas pessoas de sua responsabilidade de transformar a realidade social (BRASIL, 2006).

As campanhas para a erradicação do analfabetismo surgiram devido ao entendimento de que esta causava o subdesenvolvimento e por isso era uma doença que deveria ser curada. Com a visibilidade que Paulo Freire ganha devido às suas contribuições, ele é convidado a dirigir a construção do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos. Surge, neste período, o Centro Popular de Cultura (CPC) e o Movimento de Educação de Base (MEB) que se destacam por fortalecer a concepção de um ensino popular humanizador capaz de libertar os sujeitos envolvidos (OLIVEIRA; PAULA, 2011).

O trabalho de Paulo Freire na alfabetização de jovens e adultos rompeu com diversos aspectos característicos dos métodos tradicionais de alfabetização, como uso de textos de cartilhas, trabalho com palavras sem significado para os alunos e concepção de aluno como tábula rasa, ou seja, sujeitos que não possuem conhecimentos, e de cujos professores, detentores do saber, deveriam receber todos os conhecimentos. Para esse educador, os adultos analfabetos possuíam cultura e conhecimento que precisavam ser valorizados e suas experiências seriam o ponto de partida para o processo de alfabetização (ALBUQUERQUE et al., 2013).

Segundo Freire (1987, p. 40), “A tendência, então, do educador-educando como dos educandos-educadores é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmo e ao mundo, simultaneamente, sem dicotomizar esse pensar em ação”.

Atualmente, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é garantida pela Constituição Federal (BRASIL, 1988), que em seu artigo 208, inciso I, garante acesso à Educação Básica gratuita a todos que não tiveram acesso na idade própria.

A Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) em seu artigo 4, inciso IV, reforça, afirmando que a “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria.” Esta lei garante também em seu artigo 4, inciso VII, “[...] oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”. Em seu artigo 5, estabelece como obrigatório e direito subjetivo o acesso à Educação Básica, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, procurar o poder público para exigí-lo. A mesma lei em seu artigo 37, § 3, estabelece que a Educação de Jovens e Adultos deve ser preferencialmente articulada com a Educação Profissional. E em seu artigo 38, promulga que os sistemas de ensino deverão ter cursos e exames supletivos, de acordo com a base nacional comum do currículo, que habilitem o prosseguimento dos estudos de forma regular (BRASIL, 1996).

Concepções sobre alfabetização

Ser alfabetizado significa saber utilizar os códigos escritos de maneira autônoma, ou seja, escrever textos expressando ideias e sentimentos e também ler compreendendo os significados e sentidos da escrita.

Para Batista e Soares (2005, p. 24),

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita.

Mas além de um processo de representação de fonemas em grafemas, a alfabetização é um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito, pois não se considera alfabetizada uma pessoa que é apenas capaz de decodificar símbolos visuais, mas não consegue utilizar o sistema ortográfico de sua língua para se expressar por escrito (SOARES, 2016).

Escrever e ler são atos desenvolvidos pelo sujeito e para concretizar a função da escrita é necessário que o autor pense sobre o próprio pensamento, organize estas ideias e, só após isso, escrever de forma efetiva. Esse aprendizado acontece ao longo da vida, mas não tem idade determinada para ocorrer e, devido às precárias condições da educação no Brasil, há uma grande demanda de pessoas adultas que não se alfabetizaram. Um aspecto importante de ser analisado é a situação das pessoas tidas como alfabetizadas que, mesmo tendo concluído a escolaridade básica, não conseguem utilizar as habilidades práticas de escrita e leitura em seu dia a dia (SCHWARTZ, 2012).

A história da alfabetização no Brasil iniciou durante o Império onde ocorriam as aulas régias. Nesse período, a situação do ensino era precária, as aulas ocorriam em prédios não apropriados para o ensino, o material para alfabetizar era escasso e as aulas dependiam do esforço do professor e dos alunos para continuar existindo. Na segunda metade do século XIX, houve a utilização de material impresso para fins de alfabetização, produzido na Europa. Inicia-se então o ensino da leitura com as chamadas “cartas do ABC” em que os alunos liam e copiavam os documentos manuscritos. Utilizavam-se métodos de marcha sintética (da parte para o todo): soletração, partindo do nome das letras; fônico, partindo dos sons correspondentes às letras; silabação, partindo das sílabas. Depois de reunidas as letras ou os sons em sílabas, (as chamadas *famílias silábicas*), os professores ensinavam a ler as palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, ao final, ensinavam frases isoladas ou agrupadas. A escrita era ensinada através de cópia, enfatizando o desenho correto das letras. Em 1876, é publicada a Cartilha Maternal escrita pelo poeta português João de Deus, que utilizava o método da palavração com princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras (MORTATTI, 2006).

Em 1890, surge o método analítico que consiste em iniciar pelo todo para depois analisar as partes que o constituem. Houve diferentes formas de compreensão do método, dependendo do que seus utilizadores consideravam como todo: a palavra, ou a sentença, ou a historietta. Em 1920, após grandes disputas entre os defensores do método sintético e do método analítico, é introduzido o chamado método misto ou eclético, ou seja, que seria a utilização dos dois métodos ao mesmo tempo (MORTATTI, 2008).

Em 1961, é posto em prática o método de alfabetização para adultos, desenvolvido pelo educador Paulo Freire. O processo partia de uma entrevista feita com os adultos inscritos nos “círculos de cultura” do educador e também com habitantes da localidade tidos como conhecedores do local. Registravam-se literalmente as palavras dos entrevistados, as entrevistas forneciam uma grande relação de palavras da localidade. A partir deste universo vocabular se extraíam as palavras geradoras que seriam utilizadas nas atividades dos alunos. Já em aula, cada palavra era dividida em sílabas e essas sílabas eram depois utilizadas para formar outras palavras. Com a utilização e discussão das palavras geradoras, os alunos se conscientizavam de sua realidade, estimulando-os a lutar por melhorias (PILLETI, 2003).

Em 1980, surge o Construtivismo. Nessa concepção, acredita-se que “[...] interagindo com a escrita, a criança vai construindo o seu conhecimento, vai construindo hipóteses a respeito da escrita e, com isso, vai aprendendo a ler e a escrever numa descoberta progressiva” (SOARES, 2003, p. 17).

Outro marco da alfabetização foi a teoria da psicogênese da escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, ligada à concepção construtivista, que surgiu com o intuito de detectar o nível de compreensão do sistema alfabético. O estudo feito em crianças por estas autoras concluiu que os aprendizes passam por quatro fases nas quais têm diferentes hipóteses ou explicações para como a escrita alfabética funciona: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética. Na fase pré-silábica, a criança não consegue relacionar os

sons das letras com o som das palavras faladas, utiliza garatujas e outros ícones ao invés das letras. Na fase silábica, a criança percebe que a escrita tem relação com as partes que fala, não planeja quantas e quais letras deve utilizar, mas tenta coincidir com o número de sílabas das palavras. Na fase silábico-alfabética, além compreender as partes que formam a palavra, a criança observa o som no interior das sílabas. Na fase alfabética, a criança compreende as sílabas e som das letras, já escrevem com erros ortográficos, mas já seguindo o princípio que rege a escrita (BRASIL, 2012).

A alfabetização de jovens e adultos

Janke et al. (2018) afirmam que qualquer pesquisa sobre alunos da EJA deve partir de um posicionamento conjunto entre pesquisador e esse público. Não se pode esquecer que qualquer prática educativa direcionada a eles é sempre vivenciada por pessoas de diversas idades, sendo normalmente indivíduos de classe baixa e, justamente pela falta de alfabetização, encontram-se desempenhando trabalhos na informalidade, em insalubridade, mal pagos, que a maioria do povo não quer desempenhar.

Segundo Segrillo e Silva (2011, p. 201),

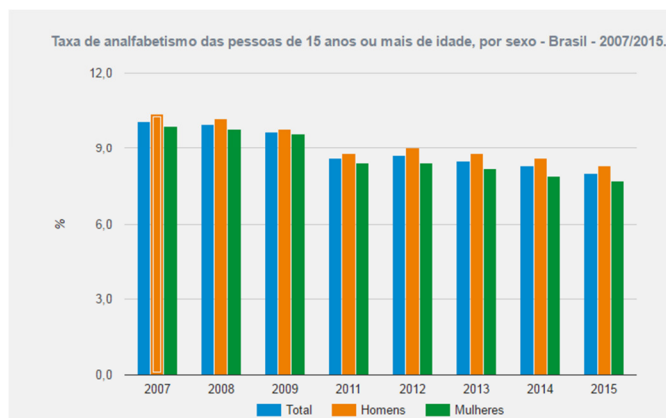
A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que acolhe jovens e adultos que, por várias razões, não tiveram a devida escolarização necessária durante a idade apropriada, é uma oportunidade para que esses cidadãos possam se alfabetizar e se tornarem letrados, de modo que não só decifrem os códigos e que façam uso deles de acordo com a demanda social.

Vivemos em uma sociedade letrada, as práticas de leitura e escrita estão presentes em nosso dia a dia e, devido a isso, ser alfabetizado torna-se necessário, mas para uma inserção social plena, além de alfabetizar é preciso letrar. Uma pessoa alfabetizada é aquela que sabe ler e escrever apenas, já a pessoa letrada consegue ir além, atende às demandas sociais da leitura e da escrita, por isso consegue fazer uma carta, um bilhete, escritas de sua própria autoria, enfim, produzir gêneros textuais. Ao contrário da pessoa alfabetizada que apenas lê textos prontos, a pessoa letrada é capaz de mudar seu lugar na sociedade, até mesmo o modo de falar com os outros, pois aquele que convive com a escrita tem sua linguagem oral alterada, muda-se o jeito de falar e o vocabulário (SOARES, 2009).

Pacheco e Poletine (2015, p. 12) afirmam que a forma mais avançada de empreender pesquisas na área da aprendizagem de jovens e adultos é partindo de uma ótica multidimensional, por se tratar de “[...] um fator de humanização, de adaptação do indivíduo na sociedade moderna e de sua constituição enquanto ser político e social.”. As autoras completam reforçando que se deve buscar, a partir da legislação pertinente, uma forma de fazer esse processo ocorrer com total qualidade, a fim de que esses jovens e adultos venham “[...] realizar o sonho de ter uma formação humana e profissional, incentivando-os a terem coragem para construir e buscar novos conhecimentos.”.

Diante dos desafios atuais, as pessoas cada vez mais compreendem que precisam saber ler e escrever, este fato pode ser analisado na Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (PNAD) realizada pelo IBGE em que foi constatado declínio das taxas de analfabetismo. O índice percentual registrado em 2007 referente à população feminina e masculina era de 10,1 e, em 2015, foi registrado 8,0. Esta queda gradativa que vem ocorrendo pode ser observada no gráfico abaixo.

Figura 1- Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais



Fonte: IBGE (2016)

As turmas de EJA são grupos heterogêneos com relação à faixa etária, cultura, visão de mundo e conhecimentos prévios. Possuem em sua maioria experiências no mundo do trabalho e experiências sociais, o que garante a essas pessoas uma bagagem rica de conhecimentos e de formas de viver (BRASIL, 2006).

Por possuírem essas experiências e viverem em uma sociedade letrada “mesmo os jovens e adultos que nunca passaram pela escola têm conhecimentos sobre a escrita. Muitos conhecem algumas letras e sabem assinar seu nome” (BRASIL, 2001, p. 53).

Apesar das grandes evoluções na forma de alfabetizar e da grande diversidade de estratégias dos professores alfabetizadores, ainda há um grande número de professores que se utilizam de métodos ultrapassados. Isso acontece pela dificuldade encontrada por eles para aplicar aquilo que nunca vivenciaram, então não veem a sua eficácia. E para alfabetizar o grupo de jovens e adultos é necessária uma proposta didática com coragem e pensamentos que visem à conquista das metas utilizando um repertório adequado ao grupo. A utilização de procedimentos didáticos inadequados é comum na EJA, onde se menosprezam os conhecimentos desses alunos por serem analfabetos e há um tratamento infantil na sua educação, como se por serem analfabetos houvessem estacionado na fase infantil e não adquirido nenhum conhecimento, ignorando-se que as aprendizagens acontecem na interação social e acontecem mesmo sem ter ocorrido a alfabetização (SCHWARTZ, 2012).

Em pesquisas realizadas com adultos não alfabetizados, Emília Ferreiro observou que diferentemente das crianças, os adultos possuem conhecimentos mais amplos e específicos. Mesmo sem estarem alfabetizados, compreendem os usos e as funções sociais da língua, pois a leitura e a escrita são exigidas todo tempo desde eventos da sua vida pessoal, no trabalho ou por já terem iniciado a escolarização anteriormente. Os adultos, mesmo na fase pré-silábica, já superaram fases diferentes das crianças, eles sabem que para escrever precisam usar letras e não qualquer outro símbolo como números. Na escrita silábica, enfrentam problemas parecidos com os das crianças, como a quantidade de letras e a não repetição de letras sequenciadas. Na fase alfabética, assim como as crianças, começam a enfrentar problemas ortográficos, partindo da hipótese de que precisam usar duas letras para escrever cada sílaba. Essa jornada no processo de alfabetização por que os adultos e as crianças passam, mostram o grande esforço cognitivo exigido para superar uma hipótese de escrita (ALBUQUERQUE et al., 2013).

Outro ponto importante a ser destacado é o fato de os alunos mais velhos, muitas vezes, se mostram resistentes à nova concepção de escola que os coloca como sujeitos do processo educativo, que espera deles práticas ativas de aprendizagem. Isso ocorre por terem observado a educação de filhos e/ou outras pessoas próximas ou ainda por já terem frequentado a escola anteriormente com um modelo tradicional de educação (BRASIL, 2006).

Os professores da EJA precisam ser perceptíveis às dificuldades dos alunos para que façam a mediação em sala de aula e os tornem pessoas alfabetizadas na perspectiva do letramento, ou seja, pessoas que saibam fazer uso da escrita de acordo com a demanda social e, assim, consigam agir com autonomia perante a sociedade letrada (SEGRÍLO; SILVA, 2011).

Assim como nas outras modalidades de ensino, a EJA também é marcada pela precariedade e improvisação ao longo de sua história. O cenário para a Educação de Jovens e Adultos se torna mais complicado devido à necessidade de aprendizagem dos diferentes públicos, à formulação de propostas político-pedagógicas flexíveis aos diversos contextos em que acontecem as práticas e ao domínio dos conteúdos e metodologias adequadas às diferentes faixas etárias que engloba a modalidade. A formação inicial não tem preparado os professores para estas demandas, sendo preciso a formação continuada,

especialização, prática cotidiana ou ainda, interação entre os professores. A maioria dos profissionais da EJA atuantes nos sistemas públicos não recebeu nenhum tipo de formação específica para esta função.

O ensino ainda é cercado por pensamentos errôneos da sociedade. Acredita-se que os adultos ou jovens que voltam à escola têm pressa e querem um curso rápido e fácil ou ainda que os estudantes não querem aprender de fato e por isso não é preciso preocupar-se com a qualidade do ensino oferecido além disso, esses alunos são ainda definidos, no geral, como desinteressados e indisciplinados.

Diante dos desafios contemporâneos, a EJA assim como todas as outras modalidades de ensino precisam comprometer-se como uma única educação compromissada com a promoção de uma educação de qualidade e com uma perspectiva democrática, que visa a uma prática pedagógica emancipatória e transformadora, onde seus sujeitos sejam preparados para o trabalho, mas não se restrinjam a isso e possam compreender o papel que desempenham como cidadãos atuantes na conquista de seus direitos para a construção de uma sociedade que reconheça todos em seus direitos e respeite as diferenças (CAPUCHO, 2012).

Vale lembrar que as práticas dos docentes na alfabetização não são reproduzidas completamente como foram estrategicamente elaboradas, elas são reconstruídas, apropriadas e *fabricadas* em diferentes realidades escolares, a partir das estratégias de vida, política e saberes de seus atores, sendo que não se pode acreditar que um modelo seja válido para diversos grupos e que esses possuem as mesmas características e necessidades, ou seja, mesmo que haja práticas que possam ser utilizadas diversas vezes, para cada turma os professores precisam elaborar outras práticas conforme as características e as necessidades existentes (CERTEAU, 1974 apud ALBUQUERQUE et al., 2013).

Esta pesquisa teve como centro as seguintes questões: a) Jovens e adultos devem ser alfabetizados de modo diferente de crianças? b) Como vem ocorrendo a alfabetização de jovens e adultos no município de Pindamonhangaba?

Partiu-se da hipótese que as pessoas pertencentes a essa modalidade de ensino possuem conhecimentos mais amplos do que as crianças devido ao tempo de vivência e essa bagagem histórica torna as fases da alfabetização diferentes (FERREIRO, 1983 apud ALBUQUERQUE et al., 2013). Para a segunda questão, não foi possível, no momento inicial, levantar hipóteses, pois a realidade ainda era desconhecida.

Este estudo, então, realizou-se com os objetivos de: a) analisar, por meio da revisão da literatura, se o processo de alfabetização de jovens e adultos deve ser diferente do utilizado com crianças; b) investigar como vem ocorrendo a alfabetização de jovens e adultos na rede municipal de Pindamonhangaba-SP.

MÉTODO

A fim de se alcançar o objetivo de investigar como vem ocorrendo a alfabetização de jovens e adultos na rede municipal de Pindamonhangaba-SP, utilizou-se como instrumento uma entrevista semiestruturada (perguntas fechadas e abertas com a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto) com a responsável pela EJA da Secretaria da Educação do município de Pindamonhangaba. O objetivo da entrevista foi conhecer como essa modalidade de ensino é estruturada, a que profissional está subordinada, quantas classes existem no município, como os professores são contratados.

Foram também realizadas entrevistas com professores das classes de EJA em funcionamento nesse município, para conhecer como se dá a alfabetização dos alunos, quais são os principais instrumentos utilizados, quais as dificuldades encontram nessa modalidade de ensino e qual o perfil desses alunos. Ressalta-se que foram realizadas entrevistas orais com dois professores, um professor respondeu às perguntas de forma escrita e um dos professores não pôde participar da pesquisa.

Tais coletas de dados foram realizadas após aprovação da Secretaria de Educação e da submissão e da aprovação nº 2.065.453 pelo Comitê de Ética em Pesquisa, por meio da Plataforma Brasil.

As entrevistas se realizaram após cada participante concordar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, juntamente com o Consentimento de Participação da pessoa como sujeito.

As entrevistas foram gravadas com o intuito de obter informações de modo mais efetivo, visto que corre com mais naturalidade e sem pausas. Apenas três professores participaram das seções de entrevista, porque quando o projeto foi aprovado para coleta de dados, um deles encontrava-se em licença médica. E como um dos professores disse não se sentir à vontade “falando para um gravador”, foi-lhe enviado por e-mail um questionário simples, que ele entregou respondido, diretamente ao pesquisador.

Após coletados, os dados foram avaliados e categorizados com a finalidade de enriquecer e concluir nossa pesquisa. Os dados foram tratados de modo qualitativo e seguem apresentados na próxima seção.

RESULTADOS

Nesta seção serão apresentadas as transcrições das entrevistas feitas com a responsável pela EJA no município de Pindamonhangaba e com as professoras dessa modalidade.

Entrevista com a responsável pela educação de jovens e adultos

Para a responsável pela Educação de Jovens e Adultos foi perguntado como está estruturada a EJA, quantos salas existem no município, quantos alunos são matriculados por sala e como é feita a contratação de professores. Segue a transcrição das respostas:

A EJA em Pindamonhangaba está estruturada em Termos, sendo 1º termo, 2º termo, 3º termo e 4º termo todas correspondentes ao ensino fundamental. As aulas são noturnas de segunda a sexta feira no horário das 18:00 às 22:00 horas. A modalidade é subordinada ao gestor de cada escola. Atualmente no município há três escolas que oferecem a educação de jovens e adultos que neste trabalho serão denominadas Escola 1, Escola 2 e Escola 3, para que não sejam identificadas, nem seus professores conforme Termo de Consentimento assinado.

Na escola 1 existem os quatro Termos, porém ambos dividem a mesma sala e há apenas um professor para os quatro. A sala possui 20 alunos matriculados.

A escola 2 possui os quatro termos e dois professores. No total são 22 alunos matriculados.

A escola 3 abrange os quatro termos em uma única sala, há apenas um professor para a turma. São 28 alunos matriculados.

A contratação para professores é feita mediante concurso público e é exigido formação com habilitação para as sérias iniciais do Ensino Fundamental.

Entrevista com os professores

ESCOLA 1

a) No início da entrevista foi perguntado ao professor da turma sobre sua experiência na EJA e se ele observa diferenças na alfabetização de adultos e crianças.

Comecei a trabalhar com EJA este ano porque sou nova na Prefeitura de Pindamonhangaba, então eu vim como Desc (sic), mas surgiu esta sala devido à professora ter ido para outra escola. Não tenho experiência com EJA, pois sempre trabalhei com Educação Infantil, mas assim, todo dia é um aprendizado novo. Quanto a alfabetizar os adultos, em alguns casos sim, precisamos utilizar metodologias que são usadas para as crianças porque eles também têm bastantes dificuldades, mas o que é abordado, os assuntos são diferentes, a gente tenta abordar assuntos que são do cotidiano deles que é para eles terem mais interesse, mais participação, e coisas que eles vão usar realmente no dia a dia. A gente parte deste pré suposto que eles vão entender, que é mais fácil dar assuntos que fazem parte da vida deles, mas com metodologias que utilizamos para as crianças.

b) É utilizado algum método específico?

Não. Eu gosto de trabalhar textos com os alunos, buscando aquilo que é importante na vida dos alunos, então eu busco saber, porque é assim, cada um está aqui por um motivo, a diferença é que quando se é criança a criança entra na escola, às vezes não quer aprender, tem problemas disciplinares. Com o adulto não tem esses problemas, então eu busco assuntos do interesse deles para trabalhar.

c) É utilizado algum instrumento diferenciado?

Nós temos um livro, é trabalhado este livro e é o que eu já falei o livro contempla assuntos relacionados à faixa etária deles, não é como um livro para crianças que contém cantigas, e um livro com assuntos para a faixa etária deles e é trabalhado em cima disso, conforme vai avançando os capítulos nós vamos trabalhando, mas eles não gostam muito de livro, eles têm a impressão de que não aprendem nada com livro, isso é o que eles me falam. Mas os assuntos geram muita discussão, então oralmente é muito bom, eles sabem discutir, eles sabem falar sobre os temas apresentados. Mas na hora dos exercícios, a gente busca outros métodos para alfabetizar mesmo porque a dificuldade deles é muito grande.

d) Quais as maiores dificuldades?

A maior dificuldade que eu estou encontrando é isso, porque o meu planejamento apesar de eu ter todo o auxílio da gestora, eu faço maior parte sozinha, e como eu não tenho experiência é muito complicado, nas outras escolas que tem mais de uma sala de EJA eu acredito que elas podem conversar, trocar ideias, fazer o planejamento, enquanto eu faço sozinha, e nesta escola tem uma sala com os quatro termos em uma única sala, então eu tenho que trabalhar os quatro termos, eu sempre estou direcionando, eu coloco uma turma de um lado e uma turma do outro. E eu tenho alunos que estão no quarto termo, mas que acompanham o primeiro, só que não podemos ficar repetindo os alunos, e a dificuldade deles é muito maior do que a das crianças que tem a mente muito mais aberta. Então se eu não busco trabalhar com assuntos que interessem para eles, de forma mais específica, eles perdem o interesse.

e) Os alunos entendem os conteúdos?

Nem sempre. Eu tenho alunos no segundo termo que quando eu apliquei a avaliação para eles, eu sai da sala arrasada, então eu pensei – Nossa eu não estou sabendo ensinar! Não estou fazendo direito. E a minha gestora falou para mim: - Se ele estivesse, no 1º termo, no 2º termo ou no 3º termo, mas ele está no 4º termo, a dificuldade está nele. É claro que a gente tenta buscar outros métodos, mas é bem complicado.

f) No final do curso os alunos conseguem ler e escrever de maneira independente, fazendo uso em sua vida?

Acredito que alguns sim porque a gente vê evolução. E é bem gratificante isso, agora outros são as mesmas dificuldades que vão permeando, eu que estou começando agora, não tenho nenhum bimestre ainda trabalhado, a gente vai buscando trabalhar para isso, se não dá certo de uma forma a gente tenta de outra, mas as dificuldades que alguns têm, eu não sei se eles vão sair daqui sabendo aplicar.

ESCOLA 2

Nesta escola, há duas salas para jovens e adultos, sendo uma de 1º e 2º termo e outra de 3º e 4º termo e dois professores, um em cada sala. Um dos professores por problemas de saúde não está indo à escola, desta forma, não foi possível realizar a pesquisa com este profissional. E a outra, por problemas de falta de tempo, não pôde realizar a entrevista, mas respondeu a um questionário escrito, que será transcrito a seguir.

Pesquisador: Jovens e adultos devem ser alfabetizados de modo diferente das crianças?

Professor: *Assim como alfabetizar criança, tem que partir do interesse e realidade dos alunos.*

Pesquisador: É utilizado algum método específico?

Professor: *Não.*

Pesquisador: Utilizam-se instrumentos diferenciados? Quais?

Professor: *Sim. Atividades orais, escritas (lousa, xerocada, livro didático, revistas, livros paradidáticos, folhetos, propagandas, rádio e Datashow).*

Pesquisador: Quais as maiores dificuldades na alfabetização da EJA?

Professor: *A baixa frequência dos alunos, baixa autoestima, dificuldade de memorização e falta de material didático para esse segmento.*

Pesquisador: Os alunos atingem os objetivos?

Professor: *A maioria apresenta avanços consideráveis.*

Pesquisador: Ao final do curso os alunos conseguem escrever e ler de maneira independente e fazer uso da escrita em sua vida?

Professor: *São muitas as variáveis nesse processo, mas sempre partimos de que todos são capazes e que irão atingir os objetivos.*

Pesquisador: Quais as diferenças na alfabetização de crianças em comparação a dos jovens e adultos?

Professor: *Idades variadas, níveis de aprendizagem variados, os compromissos existentes, preocupações, baixa assiduidade.*

ESCOLA 3

a) Inicialmente, foi perguntado ao professor da turma sobre sua experiência na EJA e se ele observa diferenças na alfabetização de adultos e crianças.

Aqui é uma sala de quatro termos com vinte e oito alunos matriculados, mas frequentes tem apenas vinte e um alunos. Eu vou desde a alfabetização até o que seria a 5ª série, a metodologia é interdisciplinar. A mesma atividade eu aplico para todos para não ter aquele negócio de porque para ele é diferente, mas eu aplico adequada para o outro, por exemplo, tenho alunos em fase de alfabetização, eu coloquei o alfabeto na lousa todos vão copiar, mas a cobrança é diferente, eu também dei uma cruzada de uma revista para eles, os alunos mais avançados fazem sem apoio e quem tem dificuldade vai ter apoio, coloco na lousa, faço a leitura porque o essencial da EJA é amor, aliás, ser professor hoje em dia é uma profissão que requer muito amor e o adulto precisa mais ainda porque a criança vai para a escola porque o pai carrega, vai por imposição já o adulto vai com o coração, se nos primeiros dias ele não vê uma empatia com o profissional da educação ele não volta mais. Por isso tem que ser um trabalho diferenciado, não pode ser um trabalho único e exclusivamente conteudista, tem que ser um trabalho que você vai visualizar o interesse de cada um, o desejo de cada aluno, o que eles esperam daqui. O governo fala que a escola tem que ser a cara do aluno, mas nesses 28 anos que eu leciono não é isso que eu observo, na verdade a escola tem a cara de alguns educadores que nem se quer pararam muito em sala de aula. Eu acredito que o que mais se assemelha a nossa realidade é Paulo Freire, mesmo ele tendo sido um grande defensor da EJA, eu acho que é em todos os níveis porque é o aluno, você tem que escutar, ir de encontro ao interesse, o aluno aprende com aquilo que é real, nós temos uma defasagem muito grande porque a escola não está interessante. Eu busco muito porque a minha preocupação é fazer o que eles vão entender, e vai ser interessante, esse é o compromisso que eu assumi. E eu acredito que na medida do possível está fluindo, e está fluindo bem, e eu vejo isso quando eu olho para cada aluno. Eu não gosto que meus alunos vão para casa com dúvida e aqui há uma reciprocidade eles aprendem comigo e eu aprendo com eles.

b) É utilizado algum método?

Não. Eu olho para o meu aluno e vejo que ele é mais tradicional eu foco nele, eu uso para sala inteira, se vejo um construtivista eu foco nele. Meu foco é o aluno e minha preocupação é ele.

c) Você utiliza instrumentos diferenciados?

Essa sala é multifuncional. Nós usamos muito a lousa digital, não é bem uma lousa digital, mas a gente usa. Eu faço muitas pesquisas na internet, uso folhas xerocadas. Mas eu respeito muita os assuntos que surgem em sala.

d) Quais as maiores dificuldades?

Minha maior dificuldade é não ter um apoio, eu tenho que atender o portão, atender o telefone, mas não é nem por isso, é uma questão pedagógica. Eu acho que se eu tivesse um apoio aqui poderia me ajudar a ajudar os alunos que precisam. Eu acho que às vezes eu deixo a desejar para eles.

e) Existem diferenças na alfabetização deles com relação a das crianças?

A forma de se expressar é diferente, mas o resto é bem parecido. Eu não vejo diferenças, as mesmas dificuldades que eles têm as crianças também têm. Acho que as crianças têm até mais dificuldades, porque os adultos trazem a bagagem de vida, de ouvir, diferente da criança que é inquieta e quer terminar logo, o adulto é detalhista e quer fazer com perfeição.

f) Ao final eles conseguem ler, escrever e fazer uso da escrita para a vida?

Conseguem sim. O objetivo você consegue atingir com mais frequência do que com os menores porque eles se comprometem, eles te ajudam a conseguir.

DISCUSSÃO

De acordo com as informações obtidas em entrevista com a responsável pela Educação de Jovens e Adultos em Pindamonhangaba é possível observar que no município se atende os princípios legais de oferta de Educação Básica às pessoas que não tiverem acesso na idade própria, como prevê a Constituição Federal (BRASIL, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) citadas anteriormente.

Nas entrevistas realizadas com os professores nas Escolas 1, 2 e 3 as respostas foram unânimes e vão ao encontro do pensamento de Freire (1987) que afirma a importância de utilizar assuntos do cotidiano dos alunos nas aulas para que, assim, os aprendizados se tornem possíveis de assimilação. Condizem também

com a Proposta Curricular para a EJA (BRASIL, 2001) que defende que esses alunos trazem consigo saberes, experiências e conhecimentos sobre a língua escrita por viverem em uma sociedade letrada.

As respostas do professor da Escola 1 quando diz que trabalha com assuntos interessantes e tenta buscar outras formas de ensinar quando vê que os alunos não estão aprendendo vai ao encontro da opinião das autoras Segrilo e Silva (2011) que defendem que os professores precisam ser perceptíveis às dificuldades dos alunos para os alfabetizar na perspectiva do letramento e assim utilizar conforme as demandas sociais.

No início da entrevista, ao falar sobre sua experiência, o professor da Escola 1 confirmou o pensamento de Capucho (2012) sobre a falta de preparo específico que a formação inicial não fornece para atender essas demandas que na realidade são aprendidas posteriormente ou por meio de um curso de formação continuada ou ainda através da prática e interação.

Quando perguntado se há diferenças na alfabetização de adultos e crianças, os professores das Escolas 1 e 3 responderam que há algumas características parecidas, mas, que no geral, é diferente devido à maturidade e ao nível de conhecimento dos adultos. Já na Escola 2, a resposta foi que a forma de alfabetizar é diferente. Sendo assim, a resposta do professor da Escola 2 está conforme o que propõe Ferreiro (1983 apud ALBUQUERQUE et al., 2013) que diferencia o processo de alfabetização dos jovens e adultos como também defende Schwartz (2012). Já as respostas dos professores das Escolas 1 e 3 estão de acordo com essas autoras também por observarem diferenças devido à maturidade.

Quanto à utilização de algum método específico e instrumentos diferenciados para a alfabetização, os três professores responderam que não utilizam um método específico e utilizam diversos instrumentos como textos, livros entre outros. Desta forma, percebe-se que as formas de trabalho dos professores de Pindamonhangaba com base nas entrevistas concedidas são de acordo com os pensamentos de Certeau (1974 apud ALBUQUERQUE et al., 2013) que diz que não se pode acreditar que um único modelo possa ser utilizado para vários grupos, pois as práticas precisam ser elaboradas conforme as necessidades existentes.

Os professores das Escolas 1 e 3 em suas respostas demonstram se importar em trabalhar assuntos da vivência dos alunos para que eles não percam o interesse e também possam utilizar os aprendizados, como defende Soares (2009), isso é, que as pessoas precisam ser letradas para utilizar a leitura e a escrita em suas vidas.

Com relação às dificuldades dos alunos, houve grande divergência de ideias, pois o professor da Escola 1 observa uma dificuldade muito maior nos adultos na etapa de alfabetização do que a observada nas crianças. Já o professor da Escola 2 diz que existem dificuldades diferentes em relação a adultos e crianças, enquanto o professor da Escola 3 acha que os adultos têm menor dificuldade devido às experiências que já tiveram na vida. Observou-se que o pensamento do professor da Escola 1 é contrário às análises feitas por Ferreiro (1983 apud ALBUQUERQUE et al., 2013) que acredita que os adultos compreendem mais facilmente os usos da escrita por possuírem vivências e por isso superam as primeiras fases da alfabetização mais rapidamente que as crianças, já nas outras fases, segundo essa autora, o desenvolvimento se torna bem parecido, sendo assim o pensamento do professor da Escola 3 é semelhante à da autora citada.

CONCLUSÕES

Com as respostas deste estudo, foi possível concluir que a alfabetização de jovens e adultos no município de Pindamonhangaba está acontecendo de forma regular e os professores entendem que os alunos possuem conhecimento e experiências que precisam ser levados em conta no momento da alfabetização para que as aprendizagens sejam significativas e interessantes para os mesmos.

Um problema observado é que na maior parte das escolas do município as aulas da EJA são para todos os quatro termos em uma única sala com apenas um professor o que torna difícil esse trabalho. O docente precisa atender às diferentes necessidades em um mesmo momento, podendo ainda dificultar o aprendizado dos alunos na alfabetização, que precisam de atenção podendo ocorrer muitas vezes de um aluno ter que acompanhar outro que pode estar em um nível mais avançado.

É importante ressaltar ainda que em decorrência da precariedade da EJA alguns professores demonstram insegurança quanto à aprendizagem dos alunos da leitura e escrita, por apresentarem dificuldades no decorrer das aulas.

Por fim, conclui-se que a alfabetização de jovens e adultos no município de Pindamonhangaba é feita de maneira geral de forma diferente da alfabetização das crianças, pois apesar de utilizarem técnicas que também são utilizadas para as crianças, os professores se dedicam a tratar de assuntos comuns a esses alunos para que eles possam realmente aprender e compreender.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. et al. Práticas dos professores alfabetizadores da EJA: o que fazem os professores, o que pensam os alunos? **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 177-198, set. 2013.
- BATISTA, A. A. G.; SOARES, M. Alfabetização e letramento: caderno do professor. **Ceale**, Belo Horizonte. 2005. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/Col.%20Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento/Col%20Alf.Let.%2001%20Alfabetizacao_Letramento.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: Senado Federal, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética**, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_3_MIOLO.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2017.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunas e alunos da EJA**, Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Educação para jovens e adultos: Ensino Fundamental - Proposta curricular 1º segmento**, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2016.
- CAPUCHO, V. **Educação de Jovens e Adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, 2016. Disponível em: <<http://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>>. Acesso em: 15 maio 2017.
- JANKE, M. F. G. et al. Alfabetização de Jovens e Adultos. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. v. 4, nº 787, ed. especial, fev. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/787>>. Acesso em: 14 maio 2018.
- MORTATTI, M. R. L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: SEMINÁRIO ALFBETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE, 27. abr. 2006. **Conferência**. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.idadecerta.seduc.ce.gov.br/download%5Cencontro_paic_ceu_24_2602_2010%5C>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- MORTATTI, M. R. L. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos país de Língua portuguesa**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 91-113, set. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/reaa/article/view/11509>>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- OLIVEIRA, M. C. de; PAULA, C. R. de. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: IBPEX, 2011.

PACHECO, L. H. B. A. dos S.; POLETINE, M. R. O. **Abordagens metodológicas dos profissionais da EJA**. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES DA EJA. 5. Campinas, 13 a 15 de maio de 2015. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2015. Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/issue/view/1>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

PILETTI, N. **História da Educação no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SCHWARTZ, S. **Alfabetização de Jovens e Adultos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SEGRILLO, P. M.; SILVA, A. P. P. Alfabetização e letramento na educação de jovens e adultos. **Revista Eventos Pedagógicos**, Juara, v. 2, n. 2, p. 201-209, ago./dez. 2011.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, M. A reinvenção da Alfabetização. In: PALESTRA, 26 maio 2003. **Sexta na Pós**. Presença Pedagógica, 2003.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.